

A VELHICE FEMININA E A (RE)CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DA MULHER IDOSA: aspectos teóricos

Cassandra Maria Bastos Franco¹
Francisco de Oliveira Barros Junior²

RESUMO

O presente artigo buscou analisar se a feminização da velhice e o acesso às políticas públicas tem interferido na (re)construção de identidade das idosas que participam de grupos. Realizamos pesquisa bibliográfica, tendo como autores de base: PASCHOAL (2000); NOGUEIRA (2008); TEIXEIRA (2009); GOFFMAN (1998). Detectamos após análises teóricas que na velhice surgem os estigmas do envelhecimento, e que dependendo da forma que são superadas e do acesso às políticas públicas, a mulher idosa pode via a ter sua identidade (re)construída de forma positiva.

Palavras chave: Velhice feminina, estigmas, identidade feminina.

ABSTRACT

The present article sought to analyze if the feminization of old age and the access of public policies have interfered in the identity (re)construction of old women who participate in groups. We performed bibliographic researches, having as base authors: PASCHOAL (2000); NOGUEIRA (2008); TEIXEIRA (2009); GOFFMAN (1998). We detected after theoretical analysis that at old age appears the stigmas of aging, and depending on the way they are overcome and access of public policies, the elderly woman may have her identity (re)constructed in a positive way.

Key-words: female aging, stigmas, female identity.

¹ Estudante de Pós-graduação. Universidade Federal do Piauí (UFPI). cassandra.franco@hotmail.com

² Doutor. Universidade Federal do Piauí (UFPI).



I - INTRODUÇÃO

A história da humanidade está sendo construída em um contexto de longevidade; no caso específico do Brasil, a cada ano, cerca de seiscentos e cinquenta mil pessoas completam sessenta anos, configurando assim as pessoas idosas, segundo o Estatuto do Idoso do Brasil, 2003. Na atualidade, atingir mais de cem anos de idade deixou de ser um privilégio de alguns, pois o aumento da expectativa de vida vem se mostrando uma constante. Essa longevidade se deve a vários fatores, e, entre os que mais caracterizam esse fenômeno, encontramos a diminuição da mortalidade, a diminuição da natalidade e os avanços das políticas públicas no país.

O fato de o ser humano estar envelhecendo e conseguindo prorrogar os anos vividos não necessariamente nos remete a uma realidade em que o envelhecimento vem acontecendo sem enfrentar grandes dificuldades. Entre os que encontramos na execução das políticas públicas, estão os desafios para a família, para a promoção de saúde, assim como viver a nova identidade que vem sendo construída acerca da velhice no século XXI.

De acordo com o documento do IBGE – Perfil dos idosos responsáveis pelos domicílios no Brasil – para cada 100 mulheres idosas, havia 81,6 homens idosos; relação que, em 1991, era de 100 para 85,2. Tal diferença, ainda de acordo com o referido documento, é explicada pelos diferenciais de expectativa de vida entre os sexos, fenômeno mundial, mas que é bastante intenso no Brasil, haja vista que, em média, as mulheres vivem oito anos a mais que os homens.

II - A Velhice Feminina

A velhice feminina contextualizada no processo de envelhecimento humano vem se constituindo com singularidades específicas; e a questão de gênero na velhice vem se caracterizando como a construção de uma identidade tipicamente feminina das mulheres em comparação com os homens.

Pensar na velhice feminina instiga-nos a vários questionamentos que acreditamos serem pertinentes, dentre eles colocamos como objeto de estudo teórico a ser realizada a velhice feminina e a (re)construção de uma nova identidade ou afirmação dos estigmas do envelhecimento.

Acrescente-se que é nossa inquietação detectar e analisar se existe uma nova construção de identidade feminina e como as idosas estão superando ou não os estigmas do envelhecimento, aqui relacionados com a dimensão da identidade, que pode ser percebida de formas diferentes, de acordo com os processos sociais vivenciados pelo sujeito, conforme afirma Santos (1996), quando discute que a dimensão valor da identidade se consolida na percepção que tem o sujeito de seu poder sobre si próprio.

Ao contextualizar a velhice feminina, encontramos nas análises teóricas a feminização da velhice (NERI, 2001) que está relacionada a alguns conceitos, entre os quais podemos destacar a maior longevidade das mulheres em comparação com os homens, ou seja, crescimento relativo do número de mulheres que fizeram parte da população economicamente ativa, crescimento relativo do número de mulheres que são chefes de família.

A existência de estigmas do envelhecimento é vista como fonte potencial de mal-estar. Segundo Goffman (1998), o ciclo do encobrimento do estigma pode ser inconsciente, em razão de o indivíduo não se ver estigmatizado, ou involuntariamente esconda o estigma para não se sentir diferenciado dos outros.

Na análise do contexto do envelhecimento humano, vários aspectos são suscitados, entre os quais, podemos destacar a presença maciça de mulheres idosas, caracterizando o envelhecimento na contemporaneidade como tipicamente feminino; a esse fenômeno denominamos feminização da velhice.

Segundo Neri (2001), no sentido sócio-demográfico, o termo feminização da velhice está associado a vários conceitos, como, por exemplo, o crescimento relativo do número de mulheres que são chefes de família; a maior longevidade das mulheres em comparação com os homens.

Enfatize-se que a população idosa, atualmente no Brasil, é majoritariamente feminina; a superioridade numérica das mulheres idosas aumenta com a idade. A existência de maior contingente de mulheres na velhice tem várias explicações: a redução da mortalidade materna, resultado de acessos a políticas públicas,

especificamente na área da saúde, e a queda da fecundidade. As mulheres vivem em média sete a nove anos mais que os homens.

Quando constatamos a existência da feminização da velhice, não podemos deixar de frisar que as mulheres idosas são comumente as mais afetadas com o estigma do envelhecimento, principalmente no tocante à “perda da juventude”.

Salgado (2000) afirma que, desde a Idade Média, nas sociedades ocidentais, os *velhos* são discriminados, desrespeitados, estigmatizados. As representações negativas acerca do envelhecimento têm historicamente atravessado todos os tempos.

A concepção de perda da juventude afeta consideravelmente as mulheres idosas, podendo ser internalizada ou não pelo indivíduo, reproduzindo os estigmas do envelhecimento, que muito se relacionam ao vigor físico e ao embelezamento. Motta (1998) discorre que, desde cedo, as mulheres aprendem “técnicas” de embelezamento a fim de disfarçar as perdas físicas.

Algumas pessoas, por se sentirem estigmatizadas, têm forte razão para negar o próprio envelhecimento (PASCOAL, 2000, p. 41).

Uma forte razão para a negação do próprio envelhecimento é a imagem negativa e pejorativa associada a velho/velhice. Velho é triste, problema, ônus, inutilidade; velhice é doença, incapacidade, dependência, perda, impotência. Velho é uma pessoa que atrapalha os outros, alguém que perdeu o direito à dignidade, à sobrevivência, à cidadania. “A imagem que a mídia difunde tradicionalmente é a de uma pessoa encurvada, de bengala, quase cega, surda e gagá”.

No que se refere à carga negativa da velhice, o estigma é evidente em algumas situações. Na concepção de Motta (1998), essa carga negativa acentua aspectos de identidade dos idosos reafirmando auto-imagens estigmatizadoras.

III - Os Estigmas da Velhice Feminina

Os estigmas da velhice feminina podem ser percebidos de formas diferentes, de acordo com os processos sociais vividos pelo sujeito, como bem afirma Santos (1996, p. 62).

A dimensão valor da identidade se consolida na percepção que tem o sujeito de seu poder sobre si mesmo, sobre os outros e sobre os

acontecimentos. Esta definição põe a questão de articulação dessas dimensões com os processos sociais vividos pelo sujeito.

Ainda sobre identidade, o autor assevera:

A identidade consolida-se na percepção que tem o sujeito do seu poder sobre si mesmo, sobre os outros e os acontecimentos. Logo, o sentimento de ser rejeitado, desvalorizado, destituído de poder pelo grupo social pode atingir a identidade pessoal em suas dimensões de valor, poder e autonomia (SANTOS, p. 61).

Apesar de a existência do estigma da velhice feminina ser uma realidade na contemporaneidade, segundo estudiosos do envelhecimento, encontramos vertentes teóricas que percorrem a trajetória de luta das mulheres idosas, que conseguem construir e reconstruir a identidade na velhice, seja pelo esforço próprio, seja pela participação em grupos, seja pelo maior acesso às políticas públicas, como, por exemplo, da previdência social, através da aposentadoria.

Pensarmos em identidade do idoso, na contemporaneidade, leva-nos a destacar o processo de globalização influenciando nesse construir e (re)construir da identidade. Sobre a temática, Nogueira (2004, p. 96) relata que “o processo de globalização é ao mesmo tempo um movimento de potencialização da diferença e de exposição constante de cada cultura às outras, de minha identidade àquela do outro.”

Os estigmas do envelhecimento são vivenciados e percebidos pelos idosos de forma diferenciada. Desse modo, podemos, no mesmo grupo de idosos, encontrar pessoas que se sintam estigmatizadas, enquanto outros poderão reconhecer a existência de estigmas, no entanto, sem se sentirem estigmatizadas.

Com o aparecimento na história brasileira, como piauiense, de diversos grupos organizados de pessoas idosas, remetemo-nos às novas construções de que vêm imbuídos os trabalhos desenvolvidos por esses grupos. Na realidade, conforme relata Peixoto (2007), existe, nos grupos de idosos e em alguns setores da sociedade, o envelhecimento ativo, em que essa ideologia coaduna com independência, autonomia, mobilidade dos idosos; esse se converte para uma nova etapa de vida, em que a ociosidade simboliza a prática de novas atividades sob o signo do dinamismo.

O que sobressai das análises teóricas da velhice feminina, dos estigmas do envelhecimento, é que o prolongamento da vida das pessoas envelhecidas pressiona



o alargamento da presença feminina, já que os aspectos pejorativos, depreciativos e negativos que percorrem os estigmas precisam ser analisados, teorizados e, sobretudo, pesquisados à luz da ciência, a fim de se proporcionar uma longevidade digna e políticas públicas condizentes com as realidades apresentadas dos frutos dos estudos realizados acerca do envelhecimento humano.

Na trajetória da longevidade humana é habitual, sob o aspecto dos grupos, ocorrer a construção ou reconstrução de novas identidades do *ser velha*, visto que é ideologia comum os trabalhos de desenvolvimento com idosos, especificamente os Centros de Convivência, a utilização das mensagens-chaves do Movimento do Envelhecimento ativo, onde encontramos a celebração e a elaboração de novos projetos de vida.

Considerando que os Centros de Convivência para idosos funcionam tendo por suporte as políticas públicas voltadas à pessoa idosa, entendemos que as diversas análises pertinentes ao envelhecimento contribuem para a construção de identidade do ser que envelhece.

Segundo Rodrigues e Rauth (2006, p. 191), quando analisamos o envelhecimento e as políticas públicas pode-se destacar que:

Envelhecer num país com tantos problemas sociais, econômicos e estruturais a resolver constitui-se em grande desafio para os indivíduos, para o conjunto da sociedade e para o governo no sentido de oferecer condições qualificadas para o prolongamento da vida.

Na avaliação de autores que trabalham a temática, *envelhecimento* e *velhice* não podem ser universalizados, ao contrário, a forma de vivê-los e percebê-los depende de fatores biológicos, sociais, culturais, étnicos, de gênero, entre outros. Com relação à questão do gênero, Motta (1998), em consonância com o estereótipo dominante da cultura brasileira, parece determinar que a mulher, ao entrar na velhice, deixa de ser mulher para *ser velha*.

IV - CONCLUSÃO



A velhice feminina vem configurando-se como temática que deve ser abordada por pesquisadores do envelhecimento, pois o fenômeno da feminização da velhice constitui-se como realidade nacional e mundial.

As representações da presença dos estigmas do envelhecimento são significativas, como já detectamos nas análises teóricas. O sexo feminino é constantemente afetado pelos estigmas do envelhecimento.

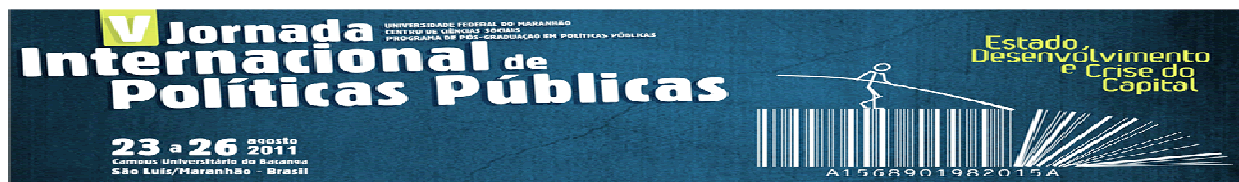
O estigma da velhice traz consigo uma carga negativa muito acentuada a qual provoca, na maioria das vezes, isolamento social. No entanto com o avanço das políticas públicas para idosos, estudos apontam que está sendo construída uma nova (re)construção da identidade da idosa que participa de grupo e têm acesso às políticas públicas.

O que pode vir a diferenciar a vivência da velhice feminina relacionada às Políticas Públicas, no nosso atendimento, e a (re)construção da identidade dos idosos, reside em problemas sociais, econômicos e sociais, o que vem a constituir desafios aos estudiosos da temática. Tentaremos à luz da ciência como orientanda e orientados em outro momento acadêmico, o *stricto sensu*, através do projeto de pesquisa já em reformulação no Mestrado em Políticas pela UFPI.

Nessa perspectiva, manteremos o estudo sobre a temática da velhice feminina, mas de forma ampliada, pois pretendemos, com esta pesquisa, detectar até que ponto os estigmas do envelhecimento, no universo feminino, são reproduzidos ou ofuscados e desconstruídos por idosas integrantes de grupos e programas para a pessoa idosa, ou entre as que não frequentam nenhum desses espaços e propostas que têm a grade da “terceira idade” como leitura da velhice contemporânea; ou seja, como estão sendo reconstruídas as identidades femininas de idosas na cidade de Teresina-PI. Para melhor visualização e análise dos dados a serem obtidos, pretendemos ter como amostra mulheres idosas que participam ou não de grupos organizados.

V - REFERÊNCIAS

GOFFMAN, E. **Estigma**: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. 4. ed. Rio de Janeiro: LTC, 1988.



IBGE. Fundação Instituto de Geografia e Estatística. (2004). **Perfil dos idosos responsáveis pelos domicílios no Brasil, 2000**. IBGE. Departamento da População e Indicadores Sociais. Disponível em: www.ibge.gov.br. Acesso em: 5 fev. 2007.

MOTTA, F. M. **Velha é a vovozinha**: identidade feminina na velhice. Santa Cruz: EDUNISC, 1998.

NERI, A. L. **Palavras-chave em gerontologia**. Campinas-SP: Alíreo, 2001.

NOGUEIRA, Marco A. **Um Estado para a sociedade civil**: temas éticos e políticos da gestão democrática. São Paulo: Cortez, 2004.

PASCHOAL, S. M. P. Epidemiologia do envelhecimento. In: PAPAEO, N. M. **Gerontologia**. São Paulo: Atheneu, 2000.

RODRIGUES, Nara Costa e RAUTH, Jussara. Os desafios do envelhecimento no Brasil. In: Freitas et al. **Tratado de geriatria e gerontologia**. 2. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2006.

SALGADO, M. A. Mitos e preconceitos no envelhecimento. **Caderno Edith Motta**. Rio de Janeiro, v. 1, n. 2, 2000.

SANTOS, M. F. S. A velhice na zona rural. Representação social e identidade. In: NASCIMENTO – SCHULZE, C. **Novas contribuições para a teorização e pesquisa em representação social**. Florianópolis: UFSC, 1996.

TEIXEIRA, Solange Maria. A delimitação de classe no processo de envelhecimento. ARAÚJO, Ludgleydson Fernandes de; CARVALHO, Cecília Maria Resende Gonçalves de; CARVALHO, Virgínia Ângela Menezes de Lucena e (org.). In: **As diversidades do envelhecer**: uma abordagem multidisciplinar. Curitiba: CRV, 2009.